

The Pillow-Book: As Notas de Sei Shonagon

The Pillow-Book: Sei Shonagon's Notes

Rafael Raffaelli¹

RESUMO

No filme *The pillow-book*, realizado em 1995 por Peter Greenaway, uma das maiores escritoras japonesas de todos os tempos é o motivo principal atrás da cena: Sei Shonagon, uma cortesã do Período Heian, ligada à imperatriz Sadako. A protagonista do filme, Nagiko, é vista como uma Shonagon contemporânea. São analisados brevemente alguns dos aspectos arquitetônicos, culturais e literários do Período Heian. Quarentas notas do livro de Sei Shonagon, *Makura no soshi (Notas do travesseiro)*, são traduzidas para o português pela primeira vez. Shonagon é considerada por muitos como uma feminista *avant la lettre* pelas suas notas sobre a condição feminina.

Palavras-chave: The pillow-book. Peter Greenaway. Sei Shonagon. Cinema. Literatura japonesa.

ABSTRACT

In Peter Greenaway's 1995 movie *The pillow-book* one of the most important Japanese writers of all times is the main motif behind the scene: Sei Shonagon, a courtesan of the Heian Period, attached to the Empress Sadako. The protagonist of the movie, Nagiko, is seen as a contemporary Shonagon. Some of the architectural, cultural and literary aspects of the Heian Period are analyzed in brief. Forty notes of Sei Shonagon's book *Makura no soshi (The pillow-book)* are translated to Portuguese by the first time. Shonagon is taken by many as a feminist *avant la lettre*, due to her notes on the feminine condition.

Key Words: The pillow-book. Peter Greenaway. Sei Shonagon. Cinema. Japanese literature.

¹ Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP e professor do PPGICH da UFSC.

1 INTRODUÇÃO

No ensaio *O livrocorpo* - incluído no meu livro *Ensaio sobre cinema e pintura* (Raffaelli, 2009) – efetuei a tradução de treze poemas de autoria do diretor inglês Peter Greenaway (1996), que foram caligrafados em japonês sobre o suporte de treze corpos na película *The pillow-book*² de 1995 e que são essenciais para a análise da narrativa.

Nesse mesmo texto traduzi uma das famosas listas³ da escritora japonesa Sei Shonagon (c.967- c.1017), retirada de seu livro *Makura no soshi* (*Notas do travesseiro*)⁴ - uma das obras capitais do Período Heian -, com quem Nagiko Kiohara, a protagonista da película, se identificava. Na perspectiva de Greenaway, Nagiko se configura como uma Shonagon contemporânea ao transcrever os eventos de sua vida cotidiana num diário.

Já no presente ensaio o foco é a poesia de Sei Shonagon. Esta tradução de Shonagon foi conduzida no intuito de esclarecer e expandir o tema central do filme, a partir do qual se desenvolve sua diegese.

Fiel à metodologia interdisciplinar que denominei metanálise, busco amplificar a temática do filme de Greenaway, avançando na compreensão dessa escritora tão pouco conhecida em nosso meio e que cuja obra ainda não foi traduzida para o português.

A proposta, então, é compor uma visão mais acurada desse período histórico japonês e como nele se insere a escritura das mulheres da corte, suas visões de mundo, anseios e preocupações e, ao mesmo tempo, possibilitar ao leitor de língua portuguesa um contato inicial com a obra de Sei Shonagon.

A seguir são apresentadas algumas considerações históricas e culturais sobre o Período Heian e suas conquistas na arquitetura, na arte e na literatura.

² **Ficha Técnica** - Título Original: THE PILLOW-BOOK. Título em português: “O livro de cabeceira”. Origem: Inglaterra. Ano de Lançamento: 1995. Duração: 122 minutos. Idiomas Principais: Inglês, Japonês, Cantonês. Direção, Roteiro: Peter Greenaway. Produção: Kees Kasander. Fotografia: Sacha Vierny. Caligrafia: Brody Neuenschwander e Yukki Yaura. Som: Garth Marshall. Costumes: Emi Wada. Elenco: Vivian Wu (Nagiko), Yoshi Oida (O Editor), Ken Ogata (O Pai), Ewan McGregor (Jerome), Yutaka Honda (Hoki), Hideko Yoshida (A Tia e A Empregada), Judy Ongg (A Mãe), Ken Mitsuishi (O Marido).

³ “Coisas Elegantes”.

⁴ Essa denominação provém do tradicional travesseiro oco usado no Japão, feito de madeira, em cujo interior se guardavam apontamentos ou diários.

2 O PERÍODO HEIAN

Heiankyo

O Período Heian, que decorre entre 794 a 1185, recebe essa denominação da nova capital fundada em 794, Heiankyo, a 'Capital da Paz e da Tranquilidade'. O termo 'Heian' é uma adaptação do nome da capital da dinastia chinesa Tang, Chang'na (Paz Eterna), atual Xi'an.

O Período Heian sucede o Período Nara, no qual já se enuncia a formação de um estilo arquitetônico propriamente japonês. Um importante monumento do Período Nara que chegou aos nossos dias é o *Daibutsu*, que foi concluído em 752 e está localizado no Templo de Todaiji, na atual cidade de Nara, que se constitui na maior estátua de Buda em bronze do mundo, medindo 16,2 metros e pesando 452 toneladas. O edifício onde está situada a estátua é também a maior estrutura em madeira do mundo. Originalmente foram edificadas em meados do século VIII, mas devido a incêndios e terremotos foram reconstruídas várias vezes. A última reconstrução da estátua foi em 1692 e do edifício em 1709.



Figura 1: *Daibutsu* em Nara, Japão (vista lateral e frontal).
Fonte: RAFFAELLI, 1987.

Heiankyo - a cidade onde Shonagon escreveu seu diário - é a atual Kyoto, denominação adotada a partir do século XI, e que significa literalmente 'capital'; 'kyoto' era um termo genérico usado para identificar as capitais imperiais desde o Período Nara (MASON, 2005, p.100). Hoje é uma metrópole com cerca de um milhão e meio de habitantes, e o centro da alma japonesa, com seus santuários, pavilhões, templos e jardins de rara beleza.

Nessa cidade foi erigido em 1895 o Santuário Heian para comemorar os mil e cem anos da fundação da cidade. A cada ano, no terceiro domingo de maio, é comemorado o *Mifune Matsuri* ou 'Festival dos Barcos' no rio Oi, revivendo a atmosfera idílica do Período Heian, quando o Imperador e sua corte realizavam viagens de barco por prazer.



Figura 2: Carpas no *Santuário Heian* em Kyoto, Japão.
Fonte: RAFFAELLI, 1987.

Pertencentes a períodos históricos posteriores ao que viveu Shonagon, destacam-se ainda em Kyoto duas tradicionais edificações: os templos *Kinkakuji* ou Pavilhão Dourado (1397 - *Período Nanbokucho*) e *Ginkakuji* ou Pavilhão Prateado (1479 - *Período Muromachi*).



Figura 1: *Kinkakuji* (vista do lago e lateral) e *Ginkakuji* em Kyoto, Japão.
Fonte: RAFFAELLI, 1987.

Cultura, Arte e Literatura

No Período Heian predominou a cultura da aristocracia cortesã, que manifestou um gosto muito refinado em arte e literatura e desenvolveu costumes e modos de comportamento tipicamente japoneses.

Esse era um período no qual os nobres colocavam grande ênfase na forma, aparência e decoro. Havia regras prescritas para todos os aspectos da vida cotidiana, desde a rotina das preces, a forma de pentear os cabelos, tomar banho ou fazer amor. As regras se baseavam nos conceitos chineses de *yin* e *yang* e nos cinco elementos, conferindo à sociedade um caráter supersticioso na qual os adivinhos e exorcistas desempenhavam um importante papel. Manter a compostura era importante em todas as ocasiões, mesmo estando doente ou ébrio, e rir com a boca aberta ou lamentar-se em público era considerado impróprio. O uso de vestimentas adequadas a cada situação e a combinação de cores e motivos era de suprema relevância. Essa extrema sensibilidade com a aparência tornou-se tão profundamente implantada na cultura japonesa que se tornou uma característica proeminente do caráter japonês (HANE, 1991, p.47).

A busca pelo esplendor caracterizava os costumes, edificações, mobília, cerimônias, festas e procissões. Os confortos e prazeres eram perseguidos com tenacidade e a fruição estética predominava, mesmo nas expressões de religiosidade. O prestígio social determinava as relações na corte e os plebeus eram vistos como subumanos e grotescos. A linguagem japonesa é caracterizada por diversos níveis de polidez, que é expressa pelo emprego correto dos termos de tratamento, e foi no período Heian que essa prática ficou firmemente estabelecida.

No período Heian a cultura japonesa tornou-se autônoma, desenvolvendo uma arte e literatura próprias. Os japoneses tornaram-se independentes das formas de literatura e arte de inspiração chinesa e desenvolveram modos de expressão na sua própria linguagem. Até o século IX o Japão importou de forma consciente os produtos da cultura chinesa, pois estudantes e monges eram enviados à China para emular a arte, poesia, costumes, padrões de conduta, instituições e a urbanização. Como já citado, até a própria capital,

Heiankyo, foi moldada segundo o modelo da capital chinesa da época. Ao fim desse século, no entanto, a prática de enviar missões culturais à China foi descontinuada devido às dificuldades internas da dinastia Tang (DE BARY et al., 2001, p.124).

Apesar da ênfase na composição de poesias segundo o modelo chinês, nesse período surge o *waka*⁵, um poema composto de trinta e uma sílabas, já num estilo tipicamente japonês. Na metade do século IX, Fujiwara no Yoshifusa (804-872) – o primeiro membro da família Fujiwara a ocupar a posição de regente – dedicou uma coletânea de poemas ao imperador nos quais “não se emprega nenhuma palavra da terra de Tang (...) quando se trata dos deuses ou da família imperial”. Na primeira década do século IX é publicado o *Manyoshu* (*Coleção das dez mil folhas*), primeiro compêndio de poesia cortesã. Em 992, Kino Tsurayuki, considerado o primeiro escritor em prosa japonês, e outros três poetas compilaram uma antologia de *waka* denominada *Kokinshū* (*Coleção de poemas modernos e antigos*), que incluía 1.100 poemas (HANE, 1991, p.49).

O desenvolvimento da literatura nativa foi facilitado pela criação de dois sistemas fonéticos de escrever japonês, derivados dos ideogramas chineses. Não se sabe ao certo quando esses sistemas de escrita foram inventados, mas já estavam em uso ao final do século IX. Tradicionalmente sua criação é atribuída ao monge Kukai (774-835), que fundou a seita budista Shingon (MASON, 2005, p.109).

O emprego desses sistemas fonéticos viabilizou a composição de literatura em prosa, que a princípio era usada como introdução ou comentário da poesia *waka*, tal como nas ‘histórias poéticas’ (*Uta monogatari*), das quais a mais importante foi *A história de Ise* (*Ise monogatari*). A palavra ‘*monogatari*’ significa ‘falar sobre’ ou ‘narrar coisas’. A primeira narrativa longa da literatura japonesa é *A história do cortador de bambu*⁶ (*Takedori monogatari*), publicada em 909. Através das *monogatari*, empregando uma mistura de ideogramas

⁵ ‘*Waka*’ significa literalmente ‘poesia do Japão’, já que *Wa* era o antigo nome do Japão. O *haiku*, a mais conhecida forma de poesia japonesa, evoluiu a partir dos três primeiros versos do *waka*. (MASON, 2005, p.110)

⁶ Obra folclórica, também conhecida como *Kaguya hime*, que conta a lenda da princesa selenita ‘Kaguya’, encontrada por um camponês dentro de um bambu e criada por ele.

chineses e caracteres dos novos sistemas fonéticos, foi possível escrever em prosa com uma liberdade e acuidade que o emprego do chinês puro não permitiria, pois se constituía numa língua estrangeira que trazia consigo os cânones de sua própria história literária (DE BARY et al., 2001, p.241).

O alfabeto fonético conhecido como *hiragana*, que é mais cursivo em forma que o mais formal *katakana*, tornou-se o veículo de expressão literária das damas da corte Heian. As damas de companhia das imperatrizes eram usualmente escolhidas pela sua inteligência e muitas tinham grande interesse em literatura e foram responsáveis, em grande medida, pela era de ouro da literatura japonesa que floresceu ao final do século X e início do XI e as obras produzidas tornaram-se clássicos da literatura japonesa (HANE, 1991, p.49-50).

A primeira dessas escritoras é conhecida simplesmente por Ise (c.877-c.940), pertencente ao clã Fujiwara e favorita do Imperador Uda, que reinou entre 889 e 898. Outra importante poetisa foi a consorte imperial Saigo Nyogo Yoshiko (929-985). Além das notas de Sei Shonagon, outra obra célebre dessa era é *A história de Genji (Genji monogatari)*, que foi criada por Murasaki Shikibu (978-c.1016), dama de companhia da imperatriz Akiko e filha de Fujiwara-no-Michinaga. A novela é centrada na vida amorosa do príncipe Genji, descrita numa perspectiva feminina, focando os pensamentos e sentimentos presentes no amor e salientando os aspectos psicológicos e emocionais das relações afetivas (MASON, 2005, p.110-111).

A arte da caligrafia floresceu durante esse período e muitos mestres calígrafos emergiram. Com a criação do sistema *hiragana*, a escrita com pincel no estilo cursivo tornou-se uma arte graciosa e altamente elaborada. A habilidade de escrever poesia num estilo caligráfico elegante era tão apreciada quanto o próprio conteúdo do poema. Uma escrita refinada era a marca distintiva da educação e do bom nascimento (HANE, 1991, p.50). Trocavam-se poemas entre amigos, colegas ou amantes e usualmente esperava-se uma resposta. Se alguém não fosse capaz de compor um poema decente e escrevê-lo numa caligrafia apropriada, não poderia participar da vida social na corte. A reputação de uma pessoa dependia principalmente de sua habilidade

nesses dois aspectos, pois muitas reuniões sociais tinham por finalidade a disputa de competições de poesia (MASON, 2005, p.110).

Além da literatura, houve um grande desenvolvimento na pintura com o advento do estilo clássico japonês *yamato-e*⁷, que ganha autonomia em relação ao estilo *kara-e*, ligado à tradição pictórica chinesa.

Apesar de seus defeitos, condensados na atitude esnobe da corte em relação ao povo e numa certa frivolidade, o Período Heian foi um tempo de paz e nele a violência não era valorizada. A literatura dessa época raramente menciona derramamento de sangue ou violência, admirando-se um homem pelos seus talentos literários ou artísticos e não pelos seus feitos militares. Mas enquanto os aristocratas perseguiram valores estéticos e prazeres sensuais, uma revolução germinava no campo e uma nova era estava prestes a emergir, mostrando a outra face do Japão (HANE, 1991, p.51).

O Japão polido, gentil e sentimental se desvaneceria, substituindo um período de ‘paz e tranquilidade’ por um período de ‘sangue e desespero’.

Assim, a plácida e poética era feminina foi sucedida pela era masculina do poder militar e da conquista a ferro e fogo com a irrupção do xogunato.

A seguir é apresentado o quadro sinóptico dos principais eventos históricos, obras literárias, arquitetura e estilos de pintura que tiveram lugar entre o Período Nara e o Período Heian, até o advento do Período Kamakura.

Período	Datação	História, Literatura, Arquitetura, Pintura
Nara	710-712	A capital do Japão é transferida para Heijokyo (Nara). Publicação do <i>Kojiki</i> (Registros de fatos antigos), primeira história japonesa.
	724	Publicação do <i>Nihongi</i> (Crônicas do Japão), segunda história japonesa e maior fonte da mitologia xintoísta.
	752	O Grande Buda (<i>Daibutsu</i>) do Templo Todaiji é inaugurado pelo imperador Shomu.
	758	Shomu muda-se para Todaiji. Fundação do Tesouro Shosoin, possivelmente o mais antigo museu do mundo.

⁷ ‘*Yamato*’, nome da família imperial japonesa, significava à época o que hoje chamamos de Japão e ‘*Kara*’, China. Essa mudança na expressão pictórica é inicialmente constatada numa coleção de dez pinturas em seda (*Shotoku taishi eden*) que retratam eventos da vida do Príncipe Shotoku (574-622). (MASON, 2005, p.112)

	770 <i>Hyakumanto Darani</i> (Um milhão de pagodes e preces Darani), um dos primeiros textos impressos em todo o mundo, é editado com um milhão de cópias.
	794 A capital é transferida para Heiankyo (Kyoto).
	806-809 <i>Manyoshu</i> (Coleção das dez mil folhas), primeira coleção de poesia.
	909 Cessam os contatos com a China. <i>Takekoto monogatari</i> (A história do cortador de bambu), primeira narrativa literária longa.
Heian	951 Inicia-se a regência da família Fujiwara ou Período Fujiwara (951-1086).
	996 O livro de Sei Shonagon, <i>Makura no soshi</i> (Notas do travesseiro), torna-se conhecido na corte e inaugura o estilo <i>zuihitsu</i> .
	1005 Murasaki Shikibu finaliza <i>Genji monogatari</i> (A história de Genji). Advento do estilo clássico de pintura japonesa <i>yamato-e</i> .
	1180 Minamoto Yoritomo estabelece seu quartel-general em Kamakura.
Kamakura	1192 Yoritomo torna-se o <i>Sei tai shogun</i> (General Conquistador dos Bárbaros) e estabelece o xogunato de Kamakura.

Figura 4 – Quadro sinóptico dos Períodos Nara, Heian e Kamakura.

Fonte: Traduzido, adaptado e ampliado pelo autor a partir do material do Museu Nacional de História Japonesa (Tóquio, Japão).

3 SOBRE SEI SHONAGON E A SUA TRADUÇÃO

Sei Shonagon é uma figura ímpar dentro da literatura japonesa e mesmo da literatura mundial, e seu texto *Makura no soshi* (*Notas do travesseiro*) é uma obra-prima que discorre sobre os costumes da corte imperial no período Heian (século IX ao século XI) através do registro poético de uma sensibilidade feminina.

Contudo muito pouco se sabe sobre ela e a maior fonte de informação sobre sua vida são suas notas autobiográficas. Supõe-se que nasceu por volta da segunda metade do século X e serviu por dez anos como dama de companhia da imperatriz Sadako. Seu nome real seria Nagiko⁸ e na corte era chamada ‘Shonagon’, isto é, ‘Conselheira Menor’; ‘Sei’ refere-se à sua família.

⁸ O mesmo nome da personagem do filme de Greenaway: ‘*Nagiko Kiyohara no Motosuke*’.

Seu pai chamava-se Motosuke, membro do clã Kiyowara, e teria servido como um oficial nas províncias, mas que também era conhecido como um poeta e estudioso. É dito, embora seja pouco provável, que foi casada como um oficial do governo e teria tido um filho. Depois de seu período como dama de companhia praticamente nada se sabe ao certo sobre sua vida, nem mesmo a data de sua morte, que deve ter ocorrido por volta da segunda década do século XI (MORRIS, 1991, p.9).

Shonagon recebeu uma menção crítica no diário de sua contemporânea Murasaki Shikibu - autora de *Genji monogatari* (*A história de Genji*) –, que a descreveu como ‘convencida’ e ‘frívola’ e afirmou que seus escritos estariam repletos de ‘imperfeições’. Shikibu afirmou ainda, em tom de reprovação: “Alguém que realiza tal esforço para ser diferente dos outros está destinada a perder a estima das pessoas” (MORRIS, 1991, p.10).

Escrevendo em *hiragana*, o silabário japonês próximo da palavra falada, Shonagon abriu caminho para uma nova literatura, na qual as mulheres foram as expoentes. Shonagon também criou uma forma literária própria, a *zuihitsu*, literalmente ‘pela linha do pincel’ (MASON, 2005, p.111), mas que poderia ser traduzido como ‘escritos casuais’ ou ‘notas ao acaso’, que equivaleriam aos poemas em prosa da tradição ocidental. Além disso, por tratar de temáticas sobre a condição feminina, Shonagon poderia ser considerada uma feminista *avant la lettre*, em que pese seu acentuado esnobismo.

Suas notas e as listas nelas contidas ainda atraem o leitor contemporâneo. São 164 notas onde a escritora expõe sem reservas suas opiniões e sentimentos em relação aos eventos que observa e participa no dia-a-dia da corte imperial, falando de seus amantes, do que aprecia e do que rejeita, sempre de uma maneira muito pessoal, como se estivesse escrevendo um diário somente “para meu enleio”, como declara em sua nota final (vide Nota 40: *Escurece*). Mas essas notas perpassam tal argúcia na observação da condição humana que se tornaram atemporais, adicionando-se a isso uma beleza poética cativante.

Buscando trazer ao leitor em português alguma luz quanto à obra dessa poetisa genial, traduzi quarenta de suas notas a partir da versão em inglês de

Ivan Morris (1925-1976), considerada uma das melhores traduções da obra de Shonagon para os idiomas ocidentais (MORRIS, 1991).

A tradução desses poemas em prosa é cercada de grandes dificuldades, dadas as barreiras linguísticas, estilísticas e as diferenças culturais. Mesmo que a intenção fosse essa, seria inexecutável realizar uma tradução literal dessa obra, da qual existem quatro 'originais' – cópias aceitas por diferentes tradições textuais -, pois o manuscrito da própria Shonagon já havia desaparecido antes mesmo do final do Período Heian (MORRIS, 1991, p.12-13).

As peculiaridades da escrita japonesa do período demandam uma ação interpretativa do tradutor, que deve também superar certos recursos estilísticos, tal como a repetição de determinados termos e expressões, para evitar que o leitor ocidental seja massacrado por obviedades que para nós não fazem sentido e que só servem para tornar o texto aborrecido, esvaindo-se a poesia nele contida. Assim, a presente tradução pode ser mais bem entendida como uma recriação poética ou uma transliteração das notas de Sei Shonagon.

Nesse intuito, reduzi significativamente algumas notas e procurei selecionar os elementos do texto que possuem valor universal, evitando os comentários particularizados sobre certas práticas e eventos próprios da cultura japonesa da época, que obscurecem a escrita e teriam interesse somente para o especialista.

Mesmo assim, optei por manter alguns trechos que remetem às práticas e crenças do período, como o exorcismo, pois as pessoas ao se sentirem adoentadas não procuravam um médico, mas sim um exorcista. Da mesma forma o intérprete de sonhos - figura corriqueira na sociedade da época, que sem dúvida encontra um paralelo nos analistas de hoje - e as cerimônias religiosas sincréticas, um amálgama entre o Xintoísmo, o Budismo e as práticas divinatórias do *I Ching*.

Vale ainda observar que das quarenta notas traduzidas, três não são de fato listas de 'coisas e pessoas': a primeira (*Na primavera a alvorada*), a segunda (*Quando fico a imaginar*) - um comentário sobre a condição feminina - e a derradeira (*Escurece*).

3 RECRIAÇÃO DE NOTAS DO TRAVESSEIRO DE SEI SHONAGON

1. NA PRIMAVERA A ALVORADA

Na primavera a alvorada. A luz surge sobre as colinas e seus contornos tingem-se de vivo rubro, pincelando traços purpúreos nas nuvens.

No verão as noites. Não só quando a lua brilha, mas também as noites escuras, mariposas esvoaçando a esmo, mesmo quando chove, como é belo!

No outono as tardes. O sol dourado afunda no ápice das colinas e os corvos voltam juntos aos ninhais, em três, em quatro, em dois. Gansos selvagens em formação no firmamento. No tremeluzir o coração se agita ao som do vento e do zunir dos insetos.

No inverno as manhãs. É bela a neve que caiu durante a noite, é esplêndido o chão coberto de gelo; mesmo se não há neve nem gelo, mas está muito frio e os atendentes correm de quarto em quarto avivando o fogo, como isso é apropriado à estação! Meio-dia, o frio se dissipa, somente cinzas brancas sobre os braseiros em abandono.

2. QUANDO FICO A IMAGINAR

Quando fico a imaginar como é ser uma dessas mulheres que vivem no lar, fielmente servindo a seus maridos – mulheres sem nenhuma perspectiva excitante na vida e que ainda crêem que são felizes –, encho-me de desdém. Com frequência são até bem-nascidas, mas nunca tiveram a oportunidade de saber como é o mundo. Gostaria que pudessem viver um pouco em nossa companhia, mesmo como atendentes, para poderem conhecer as delícias que lhes seriam ofertadas.

3. COISAS ELEGANTES⁹

Um casaco branco vestido por cima de um colete violeta.

⁹ Já traduzido em RAFFAELLI, 2009, p.21.

Ovos de patos.

Gelo raspado misturado com calda de liana sobre uma bandeja nova de prata.

Um rosário de cristal de rocha.

Flores de glicínia. Flores de ameixeira cobertas pela neve.

Uma criança graciosa comendo morangos.

4. **COISAS QUE FAZEM O CORAÇÃO BATER MAIS RÁPIDO**

Pássaros alimentando sua cria.

Um lugar onde nenês brincam.

Dormir num aposento onde queima um incenso suave.

Notar que seu elegante espelho chinês começou a embaçar pelo tempo.

Um homem interessante pára próximo ao seu portão, indeciso.

Lavar o cabelo, maquiar-se e colocar um vestido perfumado; mesmo que nem uma alma a veja, essas preparações produzirão um prazer íntimo.

Noite. Aguarda-se um visitante. Súbito sobressalto: ruído ritmado da chuva que o vento verte contra a janela.

5. **COISAS QUE DESPERTAM MEMÓRIAS AFETUOSAS DO PASSADO**

Uma flor guardada dentro de um caderno.

Um tedioso dia de chuva.

Remexe-se em velhos papéis; dentre eles, cartas de um homem que muito se amou.

A roupa pela qual foi elogiada numa festa.

Uma noite de lua cheia.

6. **COISAS ESPLÊNDIDAS**

Brocado chinês.

Uma espada com a empunhadura decorada.

Os nós da madeira numa estátua budista.

Os longos, floridos ramos da glicínia entrelaçados num cipreste.

Nem preciso dizer o quanto considero esplêndido um professor de literatura. Humilde que seja, me impressiona.

Um sacerdote que recita um sutra¹⁰ de memória.

Uma procissão diurna liderada pela Imperatriz.

Qualquer coisa púrpura é esplêndida, sejam flores, fios ou papel.

Um jardim todo coberto de neve.

7. COISAS ESPLÊNDIDAS NOTÁVEIS

Dançarinos em cadência com as canções sagradas, batendo os pés em uníssonos sobre as pontes de madeira.

Som da água corrente, música de flauta.

Deleitam-se os Deuses com tal cena.

8. COISAS ADORÁVEIS

A face de uma criança desenhada num melão.

Um filhote de pardal sendo alimentado com insetos ou vermes pelos pais – delicioso!

Um nenê de dois anos está engatinhando pelo chão. Com seus olhos agudos observa um pequeno objeto e, tateando com os dedinhos, pega-o para mostrar a um adulto.

Uma criança examina algo. O cabelo cai sobre seus olhos; em vez de tirá-lo com as mãos, ela inclina a cabeça.

Um jovem pajem do palácio caminhando com seu traje cerimonial.

Segurar um lindo nenê por um instante em seus braços; ninando-o, ele se acomoda e ressona com a cabeça recostada em seu pescoço.

Uma diminuta folha de lótus flutuando num lago. São adoráveis não só as folhas de lótus, mas também as pequenas flores da malva.

Um nenê roliço com cerca de um ano que vem engatinhando em sua direção, com a pele bem branca despontando de sua roupa violeta.

Um garoto de oito anos lendo em voz alta.

Pintainhos brancos, ainda não totalmente plumados, que parecem vestir roupas muito curtas para eles; piando alto, seguem a quem se acerca, ou se aninham perto da mãe.

¹⁰ Refere-se ao *Sutra do Lótus*, o único dos sutras budistas que comenta a condição feminina.

Ovos de gansos.

Uma urna contendo as relíquias de um santo.

Cravos selvagens.

9. COISAS PRAZENTEIRAS

Encontrar um bom livro que nunca lera antes ou adquirir o segundo volume de um livro que se apreciou. Mas quase sempre é uma decepção.

Rasga-se uma carta com raiva. Arrependida, pegando os pedaços, repara que podem ser montados e relidos.

Ansiosa por saber o significado de um pesadelo vai-se tremendo ao analista, que diz que o sonho nada tem de especial.

Uma pessoa querida fica doente. Fica-se miseravelmente preocupada se ela mora próxima ou mais ainda se está distante. Que prazer ao ouvir que se recuperou!

Fico muito satisfeita quando alguém que amo é elogiado por uma pessoa importante.

Um poema, criado para uma ocasião especial ou escrito para outra pessoa, é elogiado e copiado por todos. Nunca me aconteceu, mas imagino quão prazenteiro isso seria.

Precisar de um objeto e encontrá-lo. Ter urgência em consultar um livro, revirar tudo de ponta-cabeça e deparar com ele. Que alegria!

Comprazo-me em provocar alguém muito autoconfiante, em especial se é um homem. É divertido vê-lo sem saber responder às minhas indagações, arruinando seu ar de superioridade.

Sei que é pecado, mas não posso deixar de sentir prazer quando alguém de quem desgosto tem uma experiência ruim.

Fico mais feliz quando algo de bom acontece a alguém que amo do que a mim mesma.

10. COISAS DEPRIMENTES

Um cachorro uivando durante o dia.

Uma rede vazia.

Um vestido de seda numa tarde de chuva.

Um quarto onde um bebê morreu.

Um braseiro que esfriou.

Um condutor de carro de bois que não ama os seus bois.

Um rei cuja mulher dá a luz a uma menina após a outra.

Ir até a casa de uma amiga para evitar um encontro inoportuno e ela não lhe prestar atenção; pior ainda se for numa ocasião festiva.

Escrever uma carta, fazendo de tudo para torná-la atrativa, e ficar impaciente aguardando a resposta. 'Por certo já deveria ter chegado', pensa-se. E aí o correio chega, mas ao invés da resposta, sua própria carta como foi enviada, mas agora tão suja e amassada que até a bela caligrafia no envelope se borrou. 'Tal pessoa não mora mais neste endereço', anuncia o mensageiro. Oh, que deprimente!

Do mesmo modo, enviar uma carruagem para buscar alguém que prometeu que a visitaria. Finalmente ela retorna e os empregados gritam alvoroçados: 'Lá vem ele!'. Mas em seguida a carruagem foi guardada. 'O que isso significa?', pergunta-se. 'Ele não estava em casa', diz o condutor, 'e não virá', enquanto leva o boi para o abrigo.

Com muito ruído e excitação um jovem mudou-se para a casa de certa família como marido da filha. Um dia não voltou para casa e tornou-se amante de uma cortesã muito apreciada. Que deprimente! 'Será que se cansará dela e voltará para nós?' indaga arrependida a família de sua mulher.

A babá que cuida de uma criança sai e diz que volta logo. Assim que deixa a casa o menino começa a chorar por ela. Tentam confortá-lo com jogos e outras diversões e enviam uma mensagem à babá para que retorne de imediato. Então vem a resposta: 'Só voltarei à noite'. Isso não é só deprimente: isso é não menos que odioso. Mas quanto mais desapontado ficará depois o jovem ao enviar uma mensagem para atrair a garota que ama e aguardar sua resposta em vão!

É tarde da noite e uma mulher espera um visitante. Ouvindo afinal uma batida discreta no portão, ela manda sua empregada abri-lo e deita-se excitada pela expectativa. Mas o nome anunciado é de alguém que não

é de seu interesse. De todas as coisas deprimentes essa é de longe a pior.

Chuva persistente no último dia do ano.

Quando se observa um período de jejum, mas o negligencia por apenas um dia – muito deprimente.

Dormir sozinha com uma camisola de seda numa noite fria de outono.

Uma ama-de-leite cujo leite secou.

11. COISAS ODIOSAS

Quando se está com pressa para sair, mas seu visitante não pára de tagarelar. Se for alguém sem importância livra-se dele dizendo: ‘Você tem que me contar isso na próxima vez’; mas, se for daquele tipo de visitante cuja presença demanda sua melhor conduta, a situação é odiosa deveras.

Alguém fica doente e chama o exorcista. Como ele não está em casa, manda-se um mensageiro procurá-lo. Depois de excruciante espera o exorcista afinal aparece e, com um suspiro de alívio, pede-se que inicie suas invocações. Mas talvez tenha estado a exorcizar muitos espíritos malignos ultimamente, pois mal se instalou e começou a rezar, sua voz tornou-se modorrenta. Oh, que odioso!

Um homem que não possui nada em particular que o recomende e que discute toda a sorte de assuntos, como se estivesse a par de tudo.

Odeio homens bêbados que gritam, enfiam os dedos na boca, puxam as barbas e passam o vinho ao seu vizinho berrando ‘Tome um pouco mais! Beba!’; se agitam, sacodem suas cabeças e gesticulam como crianças brincando de roda. Vi bem-nascidos comportando-se assim - muitíssimo desagradável!

Invejar os outros e queixar-se do que possui. Falar mal de outras pessoas ou ser inquisitivo sobre os assuntos mais triviais, ressentindo-se daqueles que nada falam; mas se alguém revela algo de íntimo, apressar-se a informar a todos da maneira mais detalhada como se soubesse de tudo desde o início – oh, que odioso!

Bem na hora em que um fato interessante começa a ser relatado, um nenê desanda a chorar.

Um bando de corvos a voar em círculos, grasnando alto.

Um admirador aparece para uma visita clandestina, mas um cachorro o percebe e começa a latir. Que vontade de matar o animal!

Pode-se ser tola o bastante para convidar um homem para passar a noite num lugar indiscreto – e então ele começa a roncar.

Um cavalheiro faz uma visita secreta. Mesmo trajando uma roupa extravagante, não quer que ninguém note sua presença. Quanto está de saída, derruba algo com estrondo. Muito odioso!

Deitada, já cochilando, surge um mosquito anunciando-se com voz aguda. Pode-se de fato sentir o vento produzido pelo bater de suas asas e, pequeno quanto possa ser, é odioso ao extremo.

Uma carruagem passa emitindo um irritante ruído rangente. É de se espantar que os passageiros nem se dêem conta disso! Se estou viajando na carruagem de alguém e ouço o ranger, desaprecio não só o ruído mas também o dono.

Bem no meio de uma história que está se contando alguém interrompe e tenta mostrar que é a única pessoa inteligente ali presente. Tal pessoa é odiosa, quanto qualquer um, criança ou adulto, que se julgue melhor que os outros.

Muito odioso é um camundongo que fica correndo, de um lado para o outro, por todo o lugar.

Algumas crianças apareceram em casa. Tratou-se bem delas e jogos lhes foram oferecidos para que brincassem. As crianças ficaram acostumadas com esse tratamento e começaram a vir regularmente, invadindo a intimidade dos quartos e remexendo nos apetrechos e roupas da dona. Odioso!

Certo cavalheiro, a quem não se deseja ver, vem visitá-la. Fingindo-se adormecida, é sacudida por uma serviçal cuja expressão na face diz 'Que dorminhoca!'. Muito odioso.

Um recém-chegado se crê superior aos demais membros do grupo; com olhar de conhecedor, passa a ditar regras e dar conselhos sem ser solicitado – mais que odioso.

Um homem com o qual se está tendo um caso fica louvando as virtudes de outra mulher. Mesmo que seja uma coisa do passado, pode ser bastante aborrecido. Mais ainda se ele ainda a vê! (Bem, às vezes se retira algum prazer disso...)

Uma pessoa que se esconjura a cada vez que espirra. Detesto qualquer um que espirre, exceto o dono da casa.

Moscas são muito odiosas. Quando dançam sobre a cabeça de alguém, cria-se uma impressão de desasseio.

O som de cães latindo em coro por um longo tempo é sinistro e odioso.

Não suporto pessoas que saem sem fechar a porta.

Odeio pessoas cujas cartas mostram falta de respeito pelas regras de civilidade, tanto por descortesia no tratamento ou por extrema polidez com alguém que não a merece. Isso é odioso se a carta lhe é dirigida ou mesmo quando é endereçada a outra pessoa.

Algumas vezes uma pessoa destituída de encantos tenta criar uma boa impressão empregando uma linguagem rebuscada, mas só tem sucesso em parecer ridícula. Sem dúvida acredita que essa fala refinada se adequa à ocasião, mas quando se vai longe demais, provocando o riso, certamente algo está fora de lugar.

Um homem que nada tem em particular que o recomende, mas fala num tom afetado e posa de elegante.

Pessoas que querem saber de tudo o que acontece.

Algumas vezes antipatiza-se com uma pessoa sem motivo aparente – e então a pessoa, sem mais, faz algo odioso.

Um bom amante se comportará de modo tão elegante ao alvorecer como em qualquer outra hora do dia. Ele se arrasta da cama com um olhar de pesar em seu rosto. Ela o apressa: ‘Venha, meu amigo, está amanhecendo. Quer que alguém o veja aqui?’. Ele exala um suspiro profundo, como se dissesse que a noite não havia sido longa o suficiente e que é uma agonia deixá-la. Uma vez em pé, não põe sua roupa de

imediatamente; em vez disso se aproxima da amante e sussurra o que faltou ser dito durante a noite. Mesmo quando já está vestido ainda se demora, ajustando o cinto devagar; afinal abre a porta e a abraça com ternura, enquanto amaldiçoa o dia nascente que os separará. Então parte. Ela olha-o saindo e esse momento de adeus ficará entre as suas mais encantadoras lembranças. A ligação com um homem depende em grande medida da elegância de sua partida: quando pula da cama, veste rápido sua roupa e sai dizendo que está com pressa – começa-se de fato a odiá-lo.

12. COISAS IMPRÓPRIAS

Uma mulher despenteada usando um vestido branco adamascado.

Má caligrafia num papel vermelho.

É desagradável ver uma mulher de certa idade com um marido jovem; e é mais desagradável ainda quando ela fica com ciúmes porque ele foi visitar outra pessoa.

Um homem atraente com uma esposa feia.

13. COISAS QUE NÃO PODEM SER COMPARADAS

Verão e inverno. Noite e dia. Chuva e sol.

Juventude e velhice.

O riso de uma pessoa e a sua raiva.

Preto e branco. Amor e aversão.

O pequeno índigo e o grande filodendro.

Chuva e névoa.

Quando se deixa de amar alguém, sente-se como se fosse outra pessoa, mesmo que continue a mesma.

Num jardim de sempre-verdes os corvos dormem. No meio da noite alguns despertam em grande alvoroço; o desassossego se espalha e logo todos crocitam alarmados. Como são diferentes os mesmos pássaros durante o dia!

14. COISAS RARAS

Um genro que é louvado pelo sogro; uma jovem noiva que é amada pela sogra.

Um adorno que combine com o penteado.

Um empregado que não fale mal do patrão.

Uma pessoa que não é excêntrica ou imperfeita, superior tanto em intelecto como em corpo, que permanece impecável toda sua vida.

Pessoas que moram juntas e ainda se comportam com reserva uma com a outra. Tentam ocultar suas fraquezas, mas em geral falham.

Manter um diário imaculado, sem correções.

Se duas pessoas - homens, mulheres ou sacerdotes – prometem amizade eterna, é raro que cheguem a bons termos até o fim.

Quando se dá rica seda à costureira, sedenta por usá-la, e, ao ver-se vestida, grita-se admirada.

15. COISAS QUE DÃO UMA IMPRESSÃO PATÉTICA

A voz de alguém que assoa o nariz enquanto fala.

A expressão de uma mulher cuja maquiagem borrou.

16. COISAS IRRITANTES

Enviar um poema (ou a resposta a um poema) e depois que o mensageiro partiu lembrar-se de algumas palavras que deveriam ser trocadas.

Costura-se algo às pressas. A tarefa parece ter êxito, mas ao retirar a agulha nota-se que faltou o nó que prende a linha. Também é bastante irritante quando se costura algo de trás para frente.

É irritante quando uma carta é entregue a uma pessoa que não deveria vê-la; mas se essa pessoa é uma rival, provoca fúria.

Uma mulher se aborrece com seu amante sobre alguma trivialidade e recusa-se a ter intimidades com ele. Depois de agitar-se um pouco na cama, ela resolve levantar-se. O homem tenta trazê-la de novo para junto de si, mas ela ainda está amuada. 'Está bem', ele diz, 'Como quiser' e, ressentido, enterra-se nas cobertas. É uma noite fria e a

mulher veste apenas uma camisola fina, sente-se desconfortável. Todos na casa dormem e seria muito inconveniente sair sozinha no meio da noite. Deita-se no seu lado da cama sentindo-se muito irritada pela briga não ter acontecido mais cedo, pois seria mais fácil ir embora. Então começa a ouvir sons estranhos nos fundos da casa. Amedrontada, puxa as cobertas para si, enquanto ele a irrita ainda mais fingindo dormir, dizendo 'Só mais um pouco...', como quem não quer acordar.

17. COISAS EMBARAÇOSAS

Enquanto se entretém um visitante, os empregados tagarelam em voz alta nos fundos da casa. É embaraçoso saber que a visita pode ouvi-los. Mas como fazê-los parar?

Um homem a quem se ama fica bêbado e começa a repetir-se.

Ter falado de alguém sem saber que poderia ouvi-la. É embaraçoso mesmo quando isso acontece com um empregado ou com outra pessoa insignificante.

Ouvir serviçais fazendo algazarra. Mesmo se forem os empregados do vizinho.

Pais, convencidos que sua criança feia é adorável, fazem mimos e repetem as coisas que ela fala, imitando sua voz.

Um ignorante que em presença de alguma pessoa letrada coloca um ar de conhecedor e disserta sobre os antigos.

Um homem recita seus poemas (não especialmente bons) e conta os elogios que recebeu – mais que embaraçoso.

Deitada e insone, fala-se algo ao companheiro de cama, que ronca em resposta.

Na presença de um músico talentoso, alguém toca uma cítara só para seu próprio deleite, sem ao menos afiná-la.

Um genro, que há muito deixou sua esposa, corre a abraçar seu sogro num lugar público.

18. COISAS REPENTINAS E ANGUSTIOSAS

Quando se limpa com cuidado uma peça rara e delicada e ela se rompe de repente.

Uma carruagem tomba. Como alguém poderia imaginar que um objeto tão sólido e massivo não se apoiaria sempre em suas rodas? Parece um sonho – surpreendente e sem sentido.

Uma criança ou um adulto faz uma brincadeira inconveniente, deixando as pessoas desconfortáveis.

Por toda a noite espera-se um homem que tinha por certo que viria. Ao amanhecer, bem no momento em que se esquecera dele e dormitava, um corvo grasna alto. Acorda assustada e percebe que é dia – muito angustioso.

Um arqueiro estremece antes do embate; ao arremessar sua seta, ela tomba antes de atingir o alvo.

19. COISAS QUE PERDEM AO SEREM PINTADAS

Cravos.

Botões de cerejeiras.

Rosas amarelas.

Personagens de romances tidos como belos.

20. COISAS QUE GANHAM AO SEREM PINTADAS

Ciprestes.

Campos outonais.

Vilas montanhosas e trilhas.

Garças e cervos.

Uma cena muito fria de inverno.

Uma cena de verão de calor inenarrável.

21. COISAS QUE DÃO UMA SENSAÇÃO DE CALOR

O uniforme de caça do capitão da guarda.

Uma sobrepeliz de *patchwork*.

Uma pessoa extremamente gorda e cabeluda.

A caixa de uma cítara.

Um rito de encantamento.

Um artesão fundindo o cobre.

22. COISAS VERGONHOSAS

Um ladrão entrou no palácio e se escondeu, aguardando uma oportunidade. De seu esconderijo viu alguém pegar sorrateiro um objeto precioso. Deve ser divertido para o ladrão observar uma pessoa que compartilha sua própria natureza.

Pessoas que têm sono leve são confrontadas com coisas vergonhosas, como grupos de mulheres jovens que brincam com os passantes, os ofendem, cospem neles, fofocam em voz alta, e depois adormecem como se nada tivesse acontecido.

O coração do homem é uma coisa vergonhosa. Quando está com uma mulher que acha aborrecida e desagradável não demonstra que desgosta dela, mas a faz acreditar que pode contar com ele. Ainda pior, um homem que finge ser gentil e amável trata uma mulher de tal maneira que ela não pode imaginar que seus sentimentos não são sinceros. É falso não só em pensamento, mas também em suas palavras, pois fala mal dela para outras amantes. A mulher não tem idéia que está sendo detratada, pois ouvindo as críticas que ele faz às outras, crê que a ama mais que todas. Mas o homem sabe bem que a engana. Que vergonhoso!

Quando uma mulher deixa arrasado seu amante com quem (ai de mim!) ela rompeu de vez, não há razão para se envergonhar. Mas se o amante não demonstra a menor preocupação com sua partida - que para ela foi muito triste, dolorosa e difícil -, ficará surpresa e magoada. Insensível, ele se defende criticando outros homens que não agem do mesmo modo.

É vergonhoso ver um homem que seduz e engravida uma jovem inexperiente abandoná-la sem se preocupar em nada com o seu futuro!

23. COISAS QUE PERDERAM SEU PODER

Um barco que encalhou na maré vazante.

Uma mulher que tirou suas falsas madeixas para pentear os poucos cabelos que lhe restam.

Uma árvore que foi derrubada pela tormenta, com suas raízes voltadas para cima.

Um lutador de sumô que se retrai após perder uma luta.

Um homem insignificante repreendendo um atendente.

Um velho que ao tirar seu chapéu revela seus escassos cabelos.

Uma mulher, que está zangada com seu marido por alguma ninharia, sai de casa sem dizer aonde vai. Está convicta que irá correndo procurá-la, mas ele não faz nada e demonstra uma indiferença de enfurecer. Como não pode ficar fora para sempre, engole seu orgulho e retorna.

24. COISAS INOPORTUNAS

Indo até uma casa, pergunta-se por alguém; mas a pessoa errada aparece, pensando que é ela que está sendo chamada. É mais inoportuno ainda quando se leva um presente.

Falar mal de alguém, sem que se pretenda realmente fazê-lo. Uma criança, que a tudo ouviu, repete o que foi dito na frente da pessoa.

25. COISAS SEM MÉRITO

Uma pessoa feia de mau caráter.

Fécula de arroz¹¹ misturada com água... Sei que é um item vulgar e que todos ficarão desgostosos por mencioná-lo. Mas isso não me fará parar; tenho que me sentir livre para incluir qualquer coisa. Afinal, esses objetos existem em nosso mundo e todos sabem a seu respeito. Admito que não os incluiria numa nota para mostrar aos outros. Mas nunca pensei que estas notas seriam lidas por mais alguém e, sendo assim, incluí tudo aquilo que me surgiu na cabeça, mesmo que estranho ou desagradável.

¹¹ Usada para engomar as roupas pelos plebeus.

26. COISAS QUE DÃO UMA SENSAÇÃO DE LIMPEZA

Uma xícara de barro.

Uma bacia nova de metal.

Uma esteira de junco.

Os reflexos de luz na água ao derramá-la num recipiente.

Um baú novo de madeira perfumada.

27. COISAS QUE DÃO UMA SENSAÇÃO DE SUJEIRA

Um ninho de rato.

Alguém que deixou de lavar suas mãos depois de ir ao banheiro.

Crianças com o nariz escorrendo.

Vasilhames que contiveram óleo.

Pequenos pardais sem penas.

Uma pessoa que não se banha por um longo período, mesmo no verão.

Roupas desbotadas, em especial as de cores vivas.

28. COISAS ATREVIDAS

Uma criança mimada que não possui nada de especial.

Pigarrear em sinal de reprovação.

Uma criança de quatro anos vem visitá-la junto com os pais e age de maneira insuportável. Mexe nas coisas, espalha-as por todo o lugar e as danifica. Em geral é mantida dentro dos limites, mas quando sua mãe está por perto acha que pode fazer o que quiser. 'Quero ver aquilo, mamãe!', pede insistente, apontando para algo. Enquanto a mãe se distrai, consegue alcançar o frágil e precioso objeto e examina-o com descuido – oh, que atrevimento! Em vez de tirá-lo da mão da criança, a mãe diz apenas 'Sua criança levada!', e adiciona com um sorriso, 'Não brinque com isso, sabe que pode quebrar.' Ela também é atrevida. Intervir seria descortês, então só resta permanecer sentada em silêncio, olhando ansiosa para a criança.

29. COISAS DESCUIDADAS

O reverso de um bordado.

O interior da orelha de um gato.

Uma ninhada de camundongos, ainda sem pelo, guinchando no ninho.

Um casaco de peles com as costuras alinhavadas.

Escuridão em um lugar que parece não ser muito limpo.

Uma mulher sem atrativos que cuida de várias crianças.

Uma mulher fica doente por um longo período. No pensamento de seu amante, que não lhe é muito devotado, ela parece um tanto descuidada.

30. PESSOAS QUE PARECEM SOFRER

Uma babá que cuida de um nenê que chora à noite.

Um homem com duas amantes que é obrigado a suportá-las por serem amargas e ciumentas, uma em relação à outra.

Um exorcista que tem que lidar com um espírito obstinado.

Uma mulher amada de forma passional por um homem absurdamente ciumento.

Pessoas nervosas.

31. PESSOAS INVEJÁVEIS

Doente, ao ouvir as pessoas passeando, rindo alto e conversando como se não tivessem uma só preocupação no mundo, como parecem invejáveis!

Invejo muito quem tem bons filhos.

Mulheres de cabelos cacheados caindo sobre os ombros.

Pessoas de prestígio, sempre cercadas de serviçais, são as mais invejáveis.

Hábeis artífices e destros poetas.

Como o aprendiz inveja o flautista experiente!

Seu oponente no gamão conseguir um bom lance de dados, é o mais invejável.

Um santo que se apartou do mundo.

32. COISAS QUE SE TEM PRESSA DE VER OU OUVIR

Uma mulher deu a luz - a uma menina ou a um menino?

Uma mensagem do homem que se ama.

33. COISAS QUE SÃO DISTANTES APESAR DE PRÓXIMAS

Festas celebradas próximas ao palácio.

Relacionamentos entre irmãos, irmãs e outros membros de uma família em que falta amor.

A trilha em ziguezague que leva ao templo.

O último dia do décimo segundo mês e o primeiro do primeiro.

34. COISAS SÃO PRÓXIMAS APESAR DE DISTANTES

Paraíso.

A rota de um navio.

Relações entre um homem e uma mulher.

35. COISAS QUE DEVERIAM SER MAIORES

Sacerdotes.

Frutas.

Sacolas com provisões.

Os olhos dos homens: quando são muito estreitos eles parecem femininos. Por outro lado, se forem redondos como bacias ficarão ameaçadores.

Braseiros circulares.

Cerejas de inverno.

Ciprestes.

Pétalas de rosas.

Cavalos, tal como os bois.

36. COISAS QUE DEVERIAM SER MENORES

Um pedaço de linha quando se está costurando algo com pressa.

Conversas de adolescentes.

37. COISAS QUE CAEM DO CÉU

Neve. Granizo. Aprecio quando se misturam.

Maravilhosa a neve sobre os ciprestes.

A neve penetra os vãos entre as telhas, deixando o telhado negro em alguns lugares e puro branco em outros – muito atraente.

Garoa e granizo caindo sobre um telhado de madeira.

O gelo que se esgueira pelos beirais.

38. COISAS QUE SÃO DESAGRADÁVEIS DE SE VER

Um vestido com a barra puída.

Pessoas que trazem toda a família para uma visita surpresa.

Mulheres correndo com vestidos longos.

Sacerdotes que ultrapassam seus limites.

Alguém com a peruca fora de lugar.

Uma mulher bela parece ainda mais atraente ao despertar de um cochilo vespertino. Mas uma mulher sem atrativos deve evitar dormir durante o dia, pois acordará ainda mais feia.

Mulheres gordas de umbigo de fora.

39. COISAS QUE VALEM A PENA VER

A festa no templo Kamo¹² no início da primavera.

Num dia encoberto e frio a neve ainda cai difusa sobre as vestimentas verdes e brancas das pessoas na procissão, umedecendo as flores em seus penteados.

Acho essa visão imensamente prazerosa.

As espadas e os adereços dos dançarinos faíscam como se tivessem sido polidos; suas roupas brancas de seda parecem feitas de gelo. Os músicos, rosas amarelas nos cabelos, cantam marcando o ritmo com seus leques.

Lembro-me de um dia em especial. Parei ao longo do caminho aguardando a procissão. O sol iluminava a paisagem e o canto dos

¹² Templo xintoísta localizado às margens do rio Kamo em Kyoto.

pássaros a alma. Esse canto me fascina, passei noites em claro para ouvi-lo na alvorada.

40. **ESCURECE**

Escurece, mal posso continuar escrevendo; meu pincel já está exausto.

Mas devo acrescentar algo antes de terminar.

Escrevi estas anotações em minha casa, quando tinha tempo para isso, e não imaginava que alguém se importaria com elas.

Incluí tudo o que vi e senti.

Como poderiam parecer maliciosas e mesmo prejudicar outras pessoas, cuidei em manter meu livro oculto.

Agora ele se tornou público, a última coisa que esperava.

O Ministro do Centro trouxe para a Imperatriz vários cadernos de anotações.

‘O que faremos com eles?’, Sua Majestade me perguntou.

‘Deixe-me guardá-los dentro de um travesseiro’, respondi.

‘Muito bem’, disse a Imperatriz, ‘fique com eles’.

Tinha agora uma vasta quantidade de papel ao meu dispor e comecei a preenchê-lo com fatos ímpares, histórias do passado e toda a sorte de coisas, incluindo as mais triviais.

No todo me concentrei em coisas e pessoas que considerei encantadoras e esplêndidas; minhas notas estão também repletas de poemas e observações de árvores e plantas, pássaros e insetos.

Estava convicta que, quando as pessoas lessem meu livro, diriam: ‘É ainda pior do que esperávamos. Ninguém poderia supor que ela faria isso’.

Mesmo porque ele foi escrito para o meu enleio e coloquei no papel as impressões tal como me surgiram.

Como minhas notas casuais poderiam ser comparadas às muitas obras esplêndidas de nosso tempo?

Leitores disseram, porém, que deveria me orgulhar desse trabalho.

Isso muito me surpreendeu, pois - como se pode depreender de minhas anotações - sou do tipo de pessoa que aprova o que os outros renegam e detesta as coisas que a maioria gosta.

Seja lá o que for que as pessoas pensem de meu livro, ainda lamento que tenha vindo à luz.

4 IMAGENS DE 'THE PILLOW-BOOK'

O filme de Peter Greenaway interpõe à narrativa da vida da personagem Nagiko Kiyohara no Motosuke, na última década do século XX, aspectos da vida de Sei Shonagon, na segunda metade do século X, enfatizando a idéia de que Nagiko se configura como uma Shonagon contemporânea.

A imagem mais emblemática é, sem dúvida, a da própria Sei Shonagon na juventude, flagrada no momento em que escreve o seu livro *Notas do travesseiro*, com o pincel entre os dedos e o papel que lhe foi cedido pela imperatriz Sadako (cf. Nota 40).



Figura 5 – Sei Shonagon jovem.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Outra imagem do filme evoca a maturidade da escritora, exibindo o seu livro finalizado.



Figura 6 – Sei Shonagon madura.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Algumas das cenas idílicas descritas por Shonagon em seu livro são transpostas para o filme, como a procissão no templo Kamo e os passeios de barco pelo rio Oi.

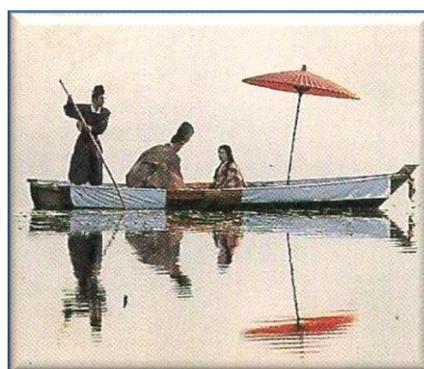


Figura 7 – Procissão no templo Kamo e passeio no rio Oi (Kyoto).
Fonte: GREENAWAY, 1996.

O contato de Nagiko com o livro-corpo inicia-se em sua infância quando seu pai escreve uma saudação de aniversário sobre seu rosto. Sua tia lê em

seguida trechos da obra de Shonagon, marcando o início de sua identificação com a escritora.



Figura 8 – Nagiko criança.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Nagiko, como livro-corpo, usa uma cópia de *Notas do travesseiro* literalmente como travesseiro, demonstrando sua total identificação com Sei Shonagon.

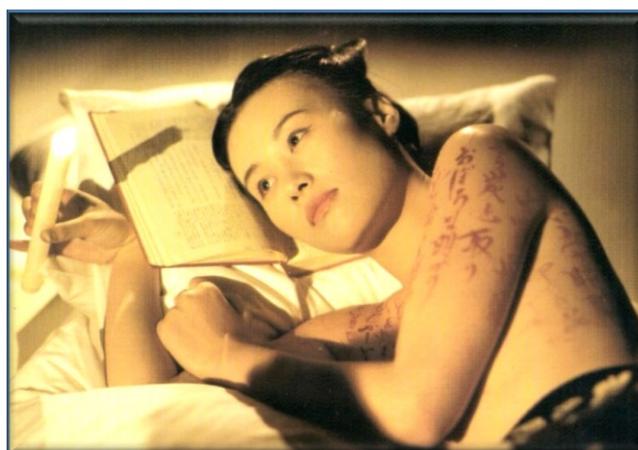


Figura 9 – Nagiko sobre *Notas do travesseiro*.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Nagiko escreve no corpo de seu amante Jerome o ‘Livro do Amante’ para mostrá-lo ao Editor. Mas Jerome e o Editor têm um caso e Nagiko o

rejeita. Desesperado, Jerome tenta simular um suicídio, mas acaba por morrer envenenado. Nagiko o enterra e o Editor profana o corpo para retirar a pele e com ela produzir um livro.



Figura 10 – Jerome morto e o Editor lendo o ‘Livro do Amante’.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Grávida e amadurecida pelo sofrimento após a morte de Jerome, Nagiko faz um contrato com o Editor, permitindo que ele copie os seus livros escritos sobre os corpos de vários homens, em troca da devolução do ‘Livro do Amante’.



Figura 11 – Nagiko e o lutador de Sumô.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

O Editor devolve o ‘Livro do Amante’ antes de ser morto pelo emissário do último livro entregue por Nagiko, o lutador de Sumô.

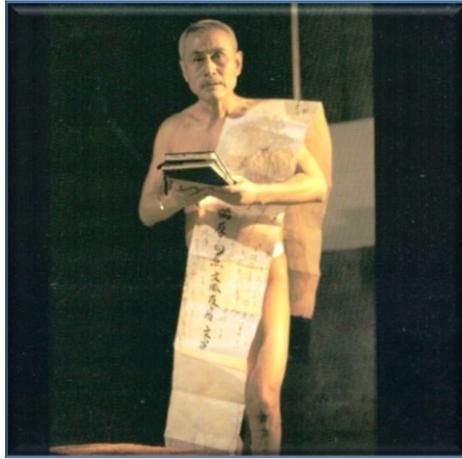


Figura 12 – Devolução do livro.
Fonte: GREENAWAY, 1996.

Ao recuperar o livro, Nagiko alcança finalmente a transmutação simbólica em Sei Shonagon, tornando-se uma escritora reconhecida.

REFERÊNCIAS

DE BARY, W.T. et al. **Sources of Japanese tradition**. Volume One: from earliest times to 1600. New York: Columbia University Press, 2001.

GREENAWAY, P. **The pillow-book**. Paris: Dis Voir, 1996.

HANE, M. **Pre-modern Japan: a historical survey**. Boulder (Colorado): Westview Press, 1991.

MASON, P.E. **History of Japanese art**. Upper Saddle River (New Jersey): Pearson Education Inc., 2005.

MORRIS, I. **The pillow book of Sei Shonagon**. New York: Columbia University Press, 1991.

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA JAPONESA, Tóquio (Japão). Disponível em: <<http://www.rekihaku.ac.jp/>>. Acesso em: 16 jun 2009.

RAFFAELLI, R. **Ensaio sobre cinema e pintura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

Dossiê:

Recebido em: 29/04/2010

Aceito em: 06/05/2010